



O mundo em desacordo

Na temporada 2018, o ciclo de conferências realiza eventos para debater a necessidade de novos consensos, a democracia e as guerras culturais

Uma busca pela tolerância e pelo consenso

Há mais de uma década, o *Fronteiras do Pensamento* privilegia as ideias e fornece algumas das principais chaves para a compreensão do mundo. Em 2018, serão realizados oito eventos no Salão de Atos da UFRGS. O projeto mantém vivo o seu convite ao diálogo. Especialmente no período atual, em que encontrar consensos é um dos grandes desafios. Confira a programação e participe.

14 DE MAIO

DEBATE ESPECIAL

FERNANDA TORRES

“A arte também é uma ferramenta importante para a diminuição da desigualdade social, esse sim, o grande problema do país. A arte educa e possibilita a integração social.”

VIK MUNIZ

“Tentar criar uma coisa nova não deve fazer parte da ambição do artista. Sou contra a ideia de originalidade como princípio para fazer arte.”

18 DE JUNHO

LEILA SLIMANI

“É muito importante que mulheres quebrem o silêncio e parem de se envergonhar, porque o silêncio é sempre bom para quem violenta, para quem domina.”

2 DE JULHO

CATHERINE MILLET

“Escrevo para me livrar de mim mesma, para apagar algo da memória.”

6 DE AGOSTO

JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

“Escrevo para saber o que vai acontecer. Sigo os personagens. Nunca faço planos.”

3 DE SETEMBRO

SIDDHARTHA MUKHERJEE

“É um exagero dizer que a guerra contra o câncer está perdida, mas também não é realista dizer que essa é uma guerra que pode ser completamente vencida.”

8 DE OUTUBRO

AI WEIWEI

“Perder a liberdade de expressão é um sinal muito perigoso de que se pode estar andando para trás. O primeiro passo, no retrocesso, é sempre calar a arte.”

22 DE OUTUBRO

DEBATE ESPECIAL

JAVIER CERCAS

“Os romances partem de perguntas para as quais não há uma resposta clara.”

22 DE OUTUBRO

ALEJANDRO ZAMBRA

“Talvez meu único tema seja, sempre, pertencer. Não só o tema deste livro e dos meus outros livros, mas também de todos os livros: pertencer.”

19 DE NOVEMBRO

DEBATE ESPECIAL

MARK LILLA

“Para o conservador é importante manter uma continuidade histórica, o que significa não haver uma ruptura radical, mas também reconhecer que as coisas sempre mudam e que devem mudar.”

LUIZ FELIPE PONDÉ

“Nunca conheci a angústia metafísica pela falta de fé. A rigor, a fé continua sendo uma experiência estranha à minha personalidade. Para mim, a devastação do mundo sempre foi um dado da ordem das coisas.”

O *Fronteiras do Pensamento Porto Alegre* é apresentado por Braskem, com patrocínio Unimed Porto Alegre e Hospital Moinhos de Vento, parceria cultural PUCRS e empresas parceiras CMPC Celulose Riograndense e Souto Correa. A parceria institucional é da Unicred. Universidade parceira UFRGS e promoção Grupo RBS.

COMO PARTICIPAR

O acesso ao ciclo de conferências *Fronteiras do Pensamento Porto Alegre* se dará exclusivamente através da aquisição do pacote de ingressos para os oito encontros da temporada 2018.

VALOR DO PACOTE DE INGRESSOS INTEIRA: R\$ 1.780,00

50% DESCONTO: R\$ 890,00

Inscritos no *Fronteiras* em edições anteriores
Professores e funcionários da UFRGS e da PUCRS
Colaboradores e corpo clínico do Hospital Moinhos de Vento
Médicos cooperados Unimed Porto Alegre (+ acompanhante)
Meia-entrada conforme legislação

30% DESCONTO - R\$ 1.246,00

CLIENTES UNIMED PORTO ALEGRE
CLUBE DO ASSINANTE: Para titulares do cartão *Clube do Assinante* dos jornais do Grupo RBS.

Todos os valores podem ser parcelados em até 5 vezes sem juros nos cartões de crédito.

IMPORTANTE

- Descontos não cumulativos.
- Os ingressos não serão vendidos individualmente.
- As conferências contarão com tradução simultânea.
- Não haverá emissão de certificado.
- Classificação etária 16 anos.
- Programação sujeita a alterações.

VAGAS LIMITADAS

PONTOS DE VENDA

Bamboletas
Rua General Lima e Silva, 776, loja 3
Segunda a sábado (10h às 22h) e domingo (15h às 22h)
Instituto Ling | Rua João Caetano, 440
Segunda a sexta (10h30 às 22h) e sábado (10h30 às 20h)
StudioClio
Rua José do Patrocínio, 698
Segunda a sexta (10h às 19h)

HORÁRIO DAS CONFERÊNCIAS

Início às 19h45

LOCAL DAS CONFERÊNCIAS

Salão de Atos da UFRGS
Av. Paulo Gama, 110 – Porto Alegre

INFORMAÇÕES e VENDAS

4020.2050

www.fronteiras.com
www.ticketsforfun.com.br
*sem taxa de conveniência

GRUPOS CORPORATIVOS
Consulte condições especiais

O mundo em desacordo: democracia e guerras culturais

Construir consensos é um ideal indissociável das democracias. Ao contrário dos regimes de força, que impõem visões de mundo únicas, democracias contemplam uma pluralidade de modos de vida, de identidades coletivas e individuais, com seus anseios, suas aspirações e suas urgências. É apenas na democracia, graças ao debate público, ao esclarecimento e ao convencimento do outro, que variadas identidades formam arranjos de maiorias e minorias para buscar o acordo, a tolerância e a harmonia.

Contudo, o que ocorre quando identidades religiosas, raciais, de gênero ou de comportamento e cultura tornam-se tão radicalizadas que a sociedade não encontra mais o consenso? O que acontece quando reinam a intolerância e o extremismo onde deveriam triunfar os direitos de todos, o respeito mútuo e a igualdade na diferença? Quando a sociedade envereda por este caminho – o caminho das guerras culturais –, é a própria democracia que corre riscos.



“O que acontece quando reinam a intolerância e o extremismo onde deveriam triunfar os direitos de todos, o respeito mútuo e a igualdade na diferença?”

Já faz meio século que políticas de ações afirmativas e movimentos identitários têm sido parte essencial da busca por uma sociedade baseada em direitos

e oportunidades para todos. O problema surge quando um tipo qualquer de identidade produz seus próprios critérios de superioridade moral e exclusão do outro, inviabilizando os acordos e consensos mínimos que garantem a vida e a força das sociedades democráticas modernas. Mark Lilla, da Universidade de Columbia, afirma que “o progressismo norte-americano anda imerso em um tipo de pânico moral em função de temas de gênero, raça e identidade sexual”. O mesmo poderia ser dito sobre diferentes formas de conservadorismo.

As guerras culturais marcam a migração dos temas éticos para o centro do debate público. O sentido e os limites da arte, a natureza do casamento e da família, o papel da mulher e do homem na sociedade passam a ser matéria de acirrado debate político, partidário e governamental, não mais se restringindo à esfera dos indivíduos ou da sociedade civil. Sobre esses temas não haverá acordo em uma “grande sociedade” plural.

O filósofo e neurocientista de Harvard Joshua Greene fala de uma “tragé-

dia da moralidade do senso comum” para tratar do desacordo nas democracias contemporâneas. Somos talhados para viver em “tribos morais”, não em um universo cosmopolita. Uma ética global ainda está para ser construída. Este é, em boa medida, o desafio de nosso tempo.

A agravar essa situação há o papel das mídias sociais. No lugar da grande ágora global, que no final do século passado prometia o aprofundamento do diálogo entre os diferentes, o que emergiu de fato assemelha-se mais a um tipo de guerra hobbesiana de todos contra todos, impedindo os consensos e minando instituições democráticas.

Explorar esses temas, celebrar a diferença sem perder a dimensão do diálogo, decifrar os mistérios da guerra cultural e o atual estado da democracia global serão alguns dos desafios do *Fronteiras do Pensamento* em 2018.

FERNANDO SCHÜLER

Doutor em Filosofia e mestre em Ciências Políticas pela UFRGS. É professor no Insper e curador do *Fronteiras do Pensamento*

JEFFERSON BOTEGA

Um dos desafios dos tempos atuais

para evitar que a democracia entre em risco

passa pela construção de uma ética global





Conferencistas acreditam no poder transformador da arte, da educação e do conhecimento

Retrato do artista quando cidadão

O artista é percebido no meio social de diversas maneiras. Sua atuação como agente estético e cultural, obviamente, é precípua e definidora – mas ele também pode notabilizar-se ao assumir voz em arenas como política, economia, sociedade, comportamento e sexualidade. No Brasil de hoje, é cada vez mais frequente a presença de artistas que se colocam no proscênio do debate público pleiteando para si uma identidade em especial, que não está em conflito com seus outros papéis – ao contrário, é mesmo constituinte de todos eles: a de cidadão.

Fernanda Torres e Vik Muniz, convidados responsáveis por abrir em maio o Fronteiras do Pensamento 2018 com um par de conferências seguidas de debate, fazem parte desse tipo de criador, que se articula para além de suas expressões artísticas específicas e tira partido de sua inserção popular e midiática para colocar

em pauta temas e ideias que extrapolam o campo da cultura – sem, no entanto, excluí-la da conversa. Esse tipo de artista-cidadão, é claro, não é exatamente um sujeito novo: ele sempre deu um jeito de se fazer notar. O que talvez lhe confira maior notoriedade seja a profusão hoje em dia de plataformas para a difusão de suas opiniões e – circunstância negativa – a urgência cívica em ocupá-las com um pensamento que se oponha ao obscurantismo medievalista, que viraliza assustadoramente na ágora da internet e dos meios de comunicação.

Os dois acreditam no poder transformador e libertador da arte, da educação e do conhecimento – não por seu atrelamento a projetos político-ideológicos específicos, mas pela imaneente natureza emancipadora da cultura. Especialmente nos dois romances que já publicou, *Fim* (2013) e *A Glória e seu Cortejo de Horrores* (2017), mas também nas crônicas que vem publicando na imprensa com assiduidade desde 2007, Fernanda aborda com olhar

crítico e irônico as ilusões perdidas e as falcatruas perpétuas da política institucional brasileira; já Vik, cuja trajetória é marcada por obras que questionam sutil ou explicitamente a exploração do homem, o consumismo, a superficialidade contemporânea e o desperdício, propugna outro tipo de política – conforme afirmou em entrevista recente a *Zero Hora*: “Trabalhar a relação das pessoas com a realidade é o papel político do artista, independente de partido, de posicionamento político. Quando você ensina as pessoas a verem a realidade melhor, você está fazendo um papel político”.

Colunista do jornal *Folha de S.Paulo* e da *Vêja Rio* e colaboradora da revista *Pi-auí*, a atriz e escritora envolve e diverte os leitores com sua prosa fluente, que estabelece com o leitor uma intimidade de mesa de bar – tanto na crônica quanto no registro da ficção. A visão arguta de Fernanda Torres sobre o espelhamento mútuo entre arte, sociedade e história recente no Brasil, tema de seus dois ro-

mances – curiosamente, ambos narrados por personagens masculinos –, reflete-se também nos artigos que publica em periódicos. A autora liga os pontos: um texto sobre Leila Diniz chega ao julgamento do mensalão passando no caminho pelas fornicações de Carlos Imperial, enquanto uma *pensata* acerca de *House of Cards* inevitavelmente termina em Brasília. Ao expor-se em seus escritos, a aclamada vencedora da Palma de Ouro de melhor atriz no Festival de Cannes de 1986 pelo filme *Eu Sei que Vou Te Amar* abandona o conforto da consagração para espernear como cidadã brasileira informada. “A depressão de agora se reflete nas artes, não à toa a insatisfação se virou contra os artistas. Um país deprimido só pode detestar sua própria cultura. A cultura é o reflexo do próprio país”, definiu Fernanda à revista *Tpm*.

Para Vik Muniz, a verdadeira potência da arte está em expor seus truques e subverter seus conceitos: pintando uma Mona Lisa com geleia, criando um ma-

pa-múndi gigantesco com computadores obsoletos ou construindo uma réplica de 14 metros de comprimento de um barquinho de papel batizado de *Lampedusa*, que navegou pelos canais de Veneza alertando para as tragédias dos imigrantes ilegais que naufragam nas costas da Europa, ele problematiza aparentes oposições – como alta e baixa cultura, perene e efêmero, realidade e ilusão, natureza e cultura, significativo e signo. Um dos artistas brasileiros de maior visibilidade internacional, Vik e seu trabalho foram retratados no filme *Lixo Extraordinário* (2010), que acompanha o processo de um impressionante projeto de cunho social que desenvolveu com catadores de materiais recicláveis no antigo aterro de Jardim Gramacho, no Rio – o documentário foi premiado nos festivais de Sundance e de Berlim e indicado ao Oscar da categoria. “A arte tem um aspecto ético, eu vi em *Lixo Extraordinário* como ela mudava o jeito como as pessoas se viam. A arte humaniza”, disse Vik em entrevista que fiz com ele para *ZH*, publicada em 2016.

Em um mundo em desacordo – no qual os mínimos denominadores comuns parecem quimeras, as práticas dialógicas sucumbem à algaravia dos monólogos e os princípios democráticos são aviltados –, um encontro como o de Fernanda Torres e Vik Muniz é um revigorante alento. Quem sabe não será a aliança entre arte e cidadania que vai nos salvar dos zumbis?

ROGER LERINA
Jornalista cultural



“No Brasil de hoje, é cada vez mais frequente a presença de artistas que se colocam no proscênio do debate público pleiteando para si uma identidade em especial, que não está em conflito com seus outros papéis – ao contrário, é mesmo constituinte de todos eles: a de cidadão.”



FERNANDA TORRES (1965), atriz e escritora brasileira, é uma das mais originais e reconhecidas atrizes do teatro, do cinema e da televisão no Brasil. Atuou em dezenas de produções. Desde 2003, encena o monólogo *A Casa dos Budas Ditosos*, com texto de João Ubaldo Ribeiro e direção de Domingos de Oliveira. Em 2013, publicou seu primeiro romance, *Fim*, que conta a história de cinco amigos no Rio de Janeiro relembrando momentos da juventude. O livro vendeu mais de 150 mil exemplares e foi publicado em países como França, Holanda, Itália e Portugal. Também é autora de *Sete anos* e *A Glória e seu Cortejo de Horrores*.



VIK MUNIZ (1961), artista plástico brasileiro. Suas obras são reconhecidas mundialmente pela criatividade na escolha de materiais inusitados e possui trabalhos expostos nos principais museus de arte contemporânea. Em 2010, foi produzido o documentário *Lixo Extraordinário*, sobre o seu trabalho com os catadores de lixo no Rio de Janeiro. A produção recebeu prêmios nos festivais Sundance e de Berlim. Em 2015, abriu, em parceria com o Massachusetts Institute of Technology (MIT), a Escola Vidigal, focada em levar arte e tecnologia para crianças.

Para Vik Muniz, a verdadeira potência da arte está em expor seus truques e subverter seus conceitos



O passado e o de uma

Siddhartha Mukherjee vive para transpor fronteiras.

Hoje professor da Universidade de Columbia, em Nova York, o médico e cientista nasceu em Nova Delhi, na Índia, em uma família bengali de classe média. Distinguiu-se nos estudos, recebendo as mais altas honras na escola. Cedo mostrou pendor para ciência – e seus primos na Califórnia convenceram-no a cursar Biologia na Universidade de Stanford, um dos principais centros mundiais de inovação. Ganhador da Bolsa Rhodes, seguiu para a Universidade de Oxford, na Inglaterra. Lá obteve o doutorado em Imunologia, trabalhando com respostas imunes a vírus. Surpreendeu a todos quando recusou propostas para estabelecer seu próprio laboratório, decidindo que, para realmente compreender doenças, precisava estar ainda mais próximo destas. Assim, retornou aos Estados Unidos, mas agora para cursar Medicina em Harvard, onde especializou-se em Oncologia.

Nada em décadas de estudo o havia preparado, contudo, para o impacto que o contato com os pacientes de câncer teria em sua vida. Consumia-se com as histórias destes, atormentado pelas decisões diárias que precisava tomar quanto a tratamentos que via de regra apenas prolongavam temporariamente algumas vidas, ainda que as transformando para sempre. Sentindo-se impotente, intuiu que as experiências de cada um de seus pacientes eram parte de uma batalha mais ampla – e muito antiga. Mergulhou assim profundamente na história do câncer, e dali emergiu ciente de que o passado da doença explicava o seu presente. Nossa visão do câncer – e seu tratamento – acompanhou e acompanha a evolução do pensamento humano. Por maiores que sejam nossos avanços tecnológicos, a única esperança de revolucionar definitivamente o campo residia em revolucionar os paradigmas que

guiam nosso comportamento.

O resultado dessa jornada tornou-se um *best-seller* internacional – *O Imperador de Todos os Males: Uma Biografia do Câncer*, publicado em 2010. O livro ganhou uma série de prêmios, incluindo o Pulitzer de 2011 na categoria não ficção, e foi adaptado como documentário para TV, dando por sua vez um Emmy ao seu realizador, Ken Burns.

Mukherjee surpreende ao escrever como um ficcionista experiente. É difícil crer que o livro foi escrito, como ele conta, sem nenhum processo ou disciplina, em cada intervalo que conseguia extrair nos exaustivos dias de residência médica no Dana Farber Hospital, em Harvard. Com estilo, mas sem descuidar dos fatos ou da ciência, a história é contada como uma biografia, em que o personagem principal tem 4 mil anos. Mukherjee viaja cronologicamente pelos principais conceitos já empregados para definir o câncer, mas não se limita a um relato. Ele usa o aprendizado emocional que obteve tratando pacientes oncológicos para trazer ora a gravidade, ora a euforia necessária para dimensionar ao leitor episódios desse embate entre a humanidade e a doença. O imperador mostra-se um adversário formidável, mas o texto é permeado pelo otimismo de alguém que compreende, admira e compartilha a capacidade humana de resolver problemas aparentemente insolúveis.

Mukherjee ignora fronteiras entre identidades e ideias, salta sobre elas com leveza. Cientista, anseia por transcender a academia, aplicando o conhecimento que ajuda a gerar. Médico, coloca-se no lugar dos pacientes, e, como eles, anseia por uma solução definitiva para a doença até hoje mencionada em voz baixa e aterrorizada. Pesquisador, busca na história respostas para o presente e esperança para o futuro. Escritor, usa arte para explicar de maneira simples problemas extremamente complexos. É admirável seu desapego a qualquer conceito que ele mesmo, ou outro, tenha da sua pes-



“Mukherjee veio para nos ensinar que transpor as fronteiras com as quais nos deparamos diariamente não apenas pode ser útil ou prazeroso, mas necessário para preservar nossa humanidade. E, acima de tudo, nos tempos de extrema divisão em que vivemos, urgente.”

soa. Para escrever seu livro seguinte, *O Gene*, publicado em 2016, não hesitou em cruzar uma fronteira íntima: investigou e trouxe elementos de sua própria história familiar, atormentada por uma série de casos de doença mental.

O Gene é escrito num estilo diferente do livro anterior: ainda rico em detalhes sobre os principais personagens, é mais um livro de aventura do que um roman-

ce histórico. Mukherjee narra de forma eletrizante como os seres humanos descobriram as leis da hereditariedade, conceberam o conceito de gene, desvendaram a estrutura do DNA e, finalmente, chegaram a um ponto onde podem manipulá-lo, contudo ainda sem entender completamente as consequências disso. Ele partilha com o leitor o privilégio que teve em presenciar muitos dos momentos-chave dessa odisséia. Em Stanford, seu então mentor, Paul Berg, recebeu o Nobel por seus estudos nas primeiras quimeras de DNA – seres em que misturava o material genético de vírus e bactérias. Hoje, batalhas patentárias são travadas em Harvard para decidir quem pode explorar comercialmente as mais novas tecnologias para editar o genoma humano.

Que características podemos – ou devemos – editar em pessoas? O quanto o material genético realmente determina o comportamento humano? Qual o limite aceitável de manipulação genômica em um ser, uma população? Quem garantirá que essa tecnologia não seja usada para subjugar? O que será considerado saudável, uma vez que os alimentos sejam fruto de seres editados? Essas perguntas não podem ser respondidas de forma simplista, ou radical. Ao contrário, cada um de nós precisa fazer um esforço para conhecer todos os ângulos, ouvir os diferentes argumentos, exercitar o pensamento, em vez de fechar os olhos e tapar os ouvidos para algo que pareça difícil ou mesmo impossível. Siddhartha Mukherjee veio para nos ensinar que transpor as fronteiras com as quais nos deparamos diariamente não apenas pode ser útil ou prazeroso, mas necessário para preservar nossa humanidade. E, acima de tudo, nos tempos de extrema divisão em que vivemos, urgente.

CRISTINA BONORINO
Imunologista e pesquisadora
1C do CNPq

presente *doença*

JEFFERSON BOTEGA

Em *O Imperador de Todos os Males*, Mukherjee traz episódios e relatos que ilustram o embate entre a humanidade e o câncer



SIDDHARTHA MUKHERJEE (1970), médico e escritor indiano, é reconhecido por seus livros de divulgação científica da área da medicina. Atualmente, trabalha no centro médico da Universidade Columbia, onde também é professor assistente. Ao conversar com uma paciente, percebeu que não existia uma obra que pudesse indicar e que explicasse o câncer de sua origem até os dias atuais. Escreveu, dessa forma, *O Imperador de Todos os Males: Uma Biografia do Câncer*, obra vencedora do Prêmio Pulitzer em 2011. Também é autor de *The Laws of Medicine* e *O Gene: uma história íntima*, publicado em 2016 e no qual ele mergulha na história da pesquisa genética e na trajetória da própria família.



A memória e a identidade estabelecem uma tensão interpretativa constante na obra de Agualusa

JEFFERSON BOTEGA

A diluição das fronteiras

Ao entrar em contato com a literatura do escritor angolano José Eduardo Agualusa, o público brasileiro poderá ter acesso a outra visão literária da contemporaneidade. Poderá experienciar não mais a visão eurocentrada, mas uma cosmovisão pós-colonial profunda e esteticamente bem elaborada. Pode-se dizer que as ideias submersas nos romances de Agualusa são, em sua grande maioria, aquelas que procuram desestabilizar as identidades africanas fixadas pelo Ocidente. Ideias que no mínimo frustram o pensamento colonial. Agualusa pertence a uma geração que sofreu com as guerras pela independência e depois com as guerras civis que se sucederam até 2002. É natural que o jogo de forças entre a memória e a identidade estabeleça uma tensão interpretativa em sua obra.

José Eduardo Agualusa tornou-se um dos mais importantes escritores das literaturas luso-africanas contemporâneas. Filho de pais portugueses, teve sua formação acadêmica em Portugal. O primeiro livro publicado veio com *A Conjura* (1988), agraciado com o Prêmio Revelação Sonangol. A partir de então, Agualusa



“Sua literatura promove a diluição das fronteiras entre o eu e o outro e, dessa forma, provoca importantes reflexões sobre o sujeito contemporâneo.”

constrói uma carreira literária consistente entre romances, contos e peças teatrais. Em 2016, o livro *Teoria Geral do Esquecimento* torna-se um dos finalistas do Prêmio Man Booker International.

Seria uma tarefa difícil apontar em qual ou em quais livros Agualusa representa melhor as questões identitárias.

No entanto, a obra *O Vendedor de Passados* (2004) evidencia a discussão oriunda do processo doloroso de descolonização sem, com isso, perder de vista o senso crítico. O personagem Félix Ventura, um homem albino, vende passados falsos, isto é, Félix inventa um passado glorioso, com ancestrais importantes para burgueses angolanos. Por outro lado, é interessante notar que, no fim das contas, a obra nos revela que o passado não pode ser vendido, porque a memória evocada pela literatura é sempre restauradora. A literatura atualiza as raízes sem fechá-las em si mesmas. Para Agualusa, a memória é uma espécie de rio adormecido.

Podemos pensar que o conjunto de sua obra se propõe a debater a construção identitária de um país. Nesse sentido, Agualusa convida o leitor a penetrar numa outra dimensão humana, capaz de dialogar com a globalização e seus efeitos. Sua literatura promove a diluição das fronteiras entre o eu e o outro e, dessa forma, provoca importantes reflexões sobre o sujeito contemporâneo.

JEFFERSON TENÓRIO

Escritor e doutorando em Teoria Literária pela PUCRS



JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

(1960), escritor angolano, é um dos mais importantes escritores em língua portuguesa da atualidade. Sua obra foi traduzida para mais de 25 idiomas, e em 2016 foi um dos finalistas do Prêmio Man Booker, pelo romance *Teoria Geral do Esquecimento*. Também publicou *Nação Crioula*, vencedor do Grande Prêmio de Literatura RTP, *Fronteiras Perdidas*, *Barroco Tropical*, e *O Vendedor de Passados*, que ganhou o Prêmio Independente de Ficção Estrangeira do jornal *The Independent*. Seu romance mais recente é *A Sociedade dos Sonhadores Involuntários*, lançado em 2017 e que é uma fábula política, satírica e divertida que desafia e questiona a natureza da realidade.

Quem é esta mulher?

Catherine Millet, escritora e crítica de arte francesa, tem muito peito.

Em plena nova onda feminista, entre discussões acaloradas sobre a vinda de Judith Butler ao Brasil, tornou-se signatária do manifesto francês na contramão do #MeToo, assim como Catherine Deneuve.

Ao reafirmar, em diversas entrevistas, que o movimento pós-denúncias de assédio sexual na indústria do cinema é ofensivo aos homens, Catherine Millet comprou uma grande briga com boa parte das feministas.

Com uma sólida trajetória e bem estabelecida carreira no mundo da arte, ela é fundadora e diretora da prestigiada revista *Art Press* e abraça sem pudor a liberdade que acredita fazer parte das suas referências históricas e geracionais.

Ainda jovem Catherine escolheu viver a vida conforme suas próprias regras. O que significou ter todas as experiências libertárias de sua geração e, mesmo crítica de arte consagrada, publicar em 2001 *A Vida Sexual de Catherine M.*

Neste livro (que tem uma continuação: *A Outra Vida de Catherine M.*) descreve cruamente as orgias e aventuras sexuais com diversos parceiros nos mais imprevisíveis lugares. O livro causou escândalo e chocou o público mais conservador pela intensidade da vida íntima da autora.

Feminista desde os anos 1960, Catherine viveu livremente o que quis, como quis e com quem quis.

Ao não aceitar ser envolvida por um discurso que ela crê tão agressivo quanto o machista, a francesa desborda a multiplicidade dos movimentos feministas atuais, mostrando o quão multifacetados eles são. E questiona, com isso, a liberdade individual.

De um lugar de fala que poderia ser mais confortável, caso não publicasse sua ousada vida íntima, Millet dá muitas declarações e entrevistas que têm causado contundentes críticas quanto ao que é visto, por suas antagonistas, como legitimação do assédio.

Para a francesa, o movimento atual é retrógrado e coloca a mulher sempre como vítima, impossibilitando-a de ser agente de sua própria vida, com a liberdade que a própria Millet ousou corajosamente ter. Inclusive agora, ao ir na contracorrente do movimento que parte de um epicentro hegemônico, como o da



“Ao não aceitar ser envolvida por um discurso que ela crê tão agressivo quanto o machista, a francesa desborda a multiplicidade dos movimentos feministas atuais, mostrando o quão multifacetados eles são.”

indústria do cinema hollywoodiano.

É difícil mensurar neste debate complexo o que existe de mais legítimo em todas as suas frentes.

Sabemos que nem todas as mulheres têm possibilidades concretas de desatar suas amarras cotidianas, entre misoginia e machismo reais, aprofundados pela desigualdade social em muitos países, como o Brasil, por exemplo.

Simultaneamente, muitas de nós recebemos no recente 8 de março mensagens de mães defendendo o direito de seus meninos, para que não sejam já culpados do que não cometeram. Que tenham direito a uma educação na qual também sejam respeitados como os indivíduos sensíveis que podem ser.

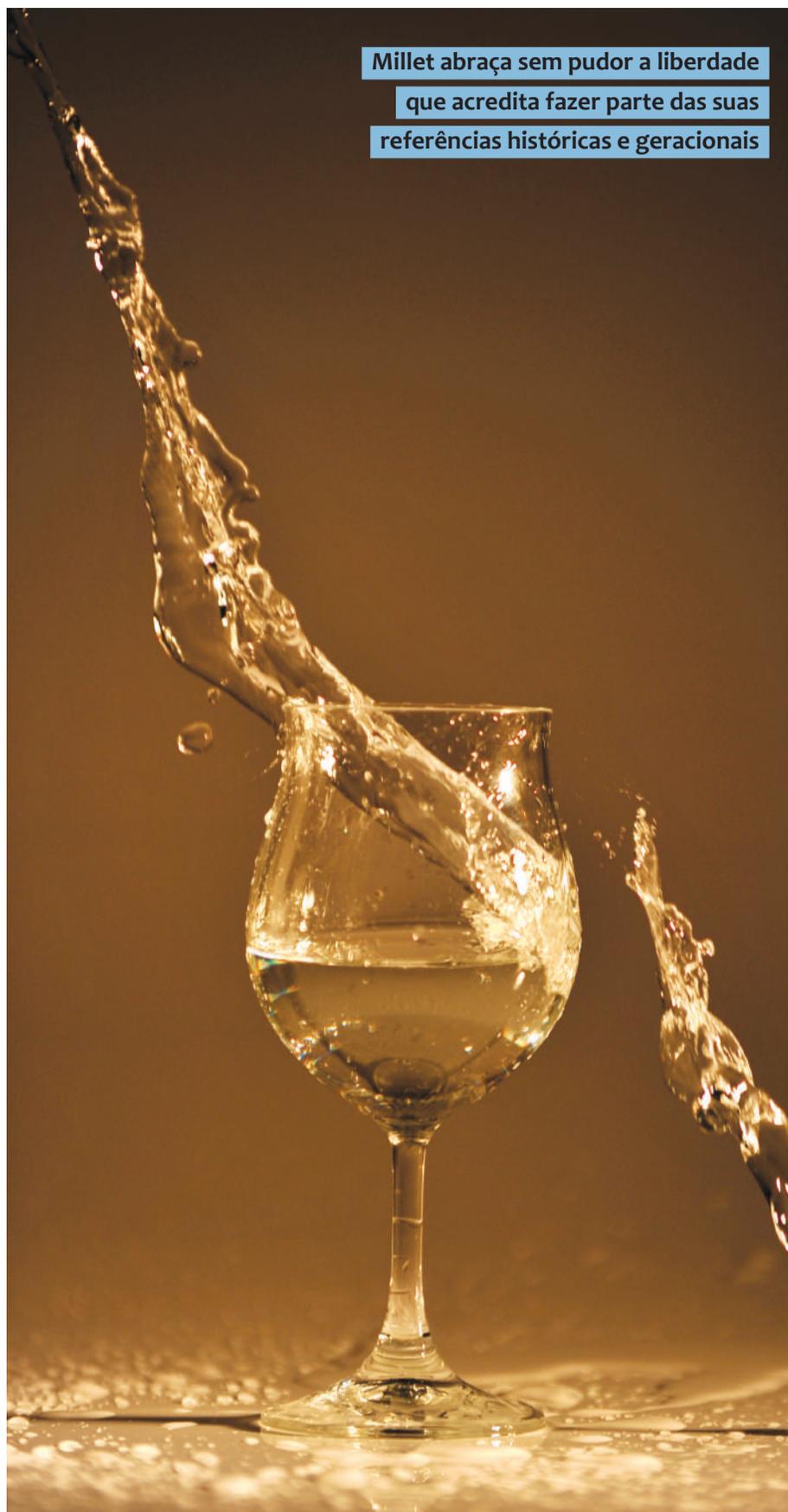
Neste enorme debate, não só as mulheres ganham.

Assistiremos, na temporada 2018 do Fronteiras do Pensamento, o que Catherine Millet, libertária sexual e intelectual respeitada, tem a nos dizer.

JOANA BOSAK

Professora do curso de História da Arte da UFRGS. É mestre em História e doutora em Literatura Comparada

Millet abraça sem pudor a liberdade que acredita fazer parte das suas referências históricas e geracionais



JEFFERSON BOTEGA



CATHERINE MILLET (1948), crítica de arte e escritora francesa, é fundadora e diretora da *Art Press*, publicação criada em 1972 e que se tornou uma das grandes referências editoriais no cenário artístico francês e internacional. Em 2001, tornou-se mundialmente reconhecida ao lançar o polêmico *A Vida Sexual de Catherine M.*, livro que vendeu mais de 2,5 milhões de exemplares e foi publicado em 45 países. Em janeiro de 2018, foi uma das cinco coautoras do manifesto publicado no jornal *Le Monde* contra a campanha #MeToo, a respeito da violência sexual exercida contra mulheres.

Sobre a passagem por *diversos camu*



Uma pasta no computador com o nome “viagens”. Não poderia o autor de seu conteúdo, o escritor angolano José Eduardo Agualusa, ser mais preciso e abundante em sentidos ofertados pelas imagens que capturou. Um pequeno recorte de seus percursos é o que vemos na capa desta edição da revista e nestas páginas – propositadamente, sem sabermos nada a respeito de suas geografias.

As silhuetas recortadas com requinte; a ancestralidade de uma árvore urbanizada que se mistura com a primitiva espécie humana e seus cenários coloniais; os pingos d’água que desfocam e também servem como lentes; e o horizonte azul que talvez compare a nós, em nosso barco, com uma ilha, são elementos que me lembram da

fala de outro escritor que nasceu em um país de fronteiras líquidas: o cubano Leonardo Padura.

No Fronteiras do Pensamento 2017, em Porto Alegre, o tema da insularidade – a circunstância de viver cercado pela água e os sentimentos que condicionam a maneira de ser e de existir em Cuba – deu forma ao pensamento do conferencista, que abordou a experiência de passear no Malecón de Havana, o grande muro de cimento que separa a cidade do oceano. “Os que se sentam de costas para o mar contemplam o tempo, a cidade e a vida dos outros. E os que sentam de frente para o mar se empenham em olhar para dentro de si mesmos”, analisou Padura na ocasião.

Não há, talvez, contemporaneamente, melhor forma de concretizar fronteiras geográficas senão pelos limites orgâni-

por ininhos



José Eduardo Agualusa é escritor angolano e mora na Ilha de Moçambique. É um dos conferencistas da temporada 2018 do *Fronteiras do Pensamento* em Porto Alegre.

cos, espirituais e experimentais de ver e viver cada uma das vidas – e dos territórios diversos que habitamos neste planeta. As insularidades física e/ou mental têm o efeito indesejável de provocar o localismo, como disse o escritor cubano, mas também fazem crescer o sentido de pertença, que é comum e, ao mesmo tempo, particular em cada um. Afinal, além do oceano há outros mundos que, por mais que se visite, não nos pertencem. E nos fazem sentir que, nas partes internas dos nossos muros íntimos, existem sim países com leis, proibições e permissões que, por vezes, até podem ser hostis. É preciso fazer autocríticas.

Daí que as verdadeiras viagens nos tornam tolerantes, respeitosos e empáticos. De repente nos sentimos parte e, também, estrangeiros... Mais ou menos como nos

percebemos, diariamente, nas fronteiras, regiões, cidades e vizinhanças nas quais pisamos. Ao viajar para fora e para dentro de nossa cidadania e de nossas ideologias, nos sentimos comuns e, ao mesmo tempo, tão diferentes. Como dialogar com essas duas dimensões?

As imagens de Agualusa apontam alguma solução. Elas trazem, eticamente, elementos dos quais todos compartilhamos, ainda que de vários jeitos: o jogo, a dança, a batalha, o desejo estético. Tal qual o azul em escala de cinza que serve de céu libertário e/ou prisão para um homem que salta – e precisa entender o conceito (ou entrar em acordo) acerca do que é liberdade.

CYBELI MORAES
Doutora em Comunicação
e professora na Unisinos



Manifestações pela liberdade e pelos direitos humanos

O Instagram de Ai Weiwei é uma avalanche de imagens. Seus milhares de seguidores acompanham desde *selfies* nos lugares do mundo da arte por onde circula até fotos postadas em acampamentos de refugiados pelo planeta. Mas o que pode parecer um *reality show* narcisístico é também o holofote que o mantém visível, como prova de uma liberdade há pouco reconquistada e ainda incerta.

Um dos mais provocativos artistas contemporâneos, Weiwei é um dissidente do governo chinês. Ao longo de mais de duas décadas, tem guiado sua produção por um forte ativismo político. Começou abordando os abusos de poder na China e amplificou em escala global sua reivindicação pelas liberdades de expressão, pelos direitos humanos e pela democracia. Causas que tomou para si a partir da própria trajetória de vida.

Filho de um poeta perseguido pelo regime chinês, tinha um ano quando a família foi transferida para campos de trabalho. Cresceu em exílio no próprio país até, que em 1976, aos 19 anos, o fim da revolução cultural chinesa permitiu o seu retorno a Pequim. Essa experiência é fundamental para a compreensão de sua obra, assim como também é a mudança para Nova York, onde viveu de 1981 a 1993.

Foi no retorno à China que ficou conhecido internacionalmente pela verve radical e iconoclasta, despertando também a ira das autoridades chinesas. São dessa época as fotografias em que aparece encenando a quebra de cerâmicas milenares (*Dropping a Han Dynasty Urn*, 1995) e a série em que aponta o dedo médio diante de monumentos e símbolos de poder, como a Praça da Paz Celestial, palco do massacre de 1989 (*Study of Perspective*, 1995-2017).

Já nesses trabalhos, Weiwei estabelece um procedimento-chave em sua produção. Trata-se do modo como aborda o passado e o presente da China, apropriando-se de linguagens ocidentais. Ele recicla gestos dadaístas ao estilo de Marcel Duchamp e estratégias da *pop art* ao modo Andy Warhol, lançando mão de operações conceituais que endereçam às



“Começou abordando os abusos de poder na China e amplificou em escala global sua reivindicação pelas liberdades de expressão, pelos direitos humanos e pela democracia. Causas que tomou para si a partir da própria trajetória de vida.”

suas obras um tremendo potencial de comunicação. Um exemplo é a série em que dota objetos artesanais de valor artístico ao estampá-los com o logotipo da Coca-Cola e expô-los como obra.

Ai Weiwei também questiona a sobrevivência das tradições frente à padronização dos bens de consumo na atual China exportadora. É o caso da emblemática *Sunflower Seeds* (2010). Apresentada na Tate Modern de Londres, a imensa instalação era composta de 150 toneladas de réplicas de sementes de girassol em porcelana. As 100 milhões de peças foram esculpidas e pintadas manualmente durante dois anos e meio por 1,6 mil artesãos que estavam tendo seu fazer ancestral ameaçado pela produção industrial.

Por essa época, Weiwei já estava sentenciado a ser perseguido pelo governo chinês. Em 2008, fez um documentário investigando a omissão das autoridades na tragédia do terremoto de Sichuan, no qual morreram 70 mil pessoas. O artista especulava a responsabilidade pelas mortes de estudantes em escolas construídas em condições precárias. O projeto envolveu uma rede de cooperação na internet para reunir os nomes dos mortos, resultando na listagem de 5.385 crianças.

O que se seguiu foi a censura do blog no qual publicava críticas ao governo chinês, a demolição de seu ateliê e uma prisão domiciliar em 2010. No ano seguinte, quando embarcava no aeroporto de Pequim, foi preso novamente. Acusado de irregularidade na documentação, evasão fiscal e difusão de pornografia – por ter postado nudes –, teve seu estúdio invadido, confiscado e foi mantido em uma cadeia secreta pelo governo chinês, que sonegou informações sobre seu paradeiro. A repercussão gerou campanhas internacionais em apelo à soltura, o que ocorreria 81 dias depois.

Ai Weiwei permaneceu sob vigilância e proibido de sair da China até 2015, quando teve o passaporte devolvido. Desde então, vive exilado na Alemanha, como um refugiado que evita retornar a seu país. Um refugiado privilegiado, como ele mesmo diz, mas que tem feito de sua posição de visibilidade um lugar de denúncia das injustiças sociais, das violações dos direitos humanos e da violência sistêmica dos conflitos que assolam o mundo.

Seus trabalhos dos últimos anos são manifestos sobre a questão dos refugiados. Um deles, o filme *Human Flow* (2017), é um documentário que o levou a percorrer 23 países. É, até agora, o retrato mais profundo do seu envolvimento enquanto artista com o contexto do drama humanitário e do seu compromisso em assumir responsabilidade na condição de agente provocador.

FRANCISCO DALCOL

Crítico, jornalista e pesquisador. Doutorando em Teoria, Crítica e História da Arte (UFRGS)



AI WEIWEI (1957), artista plástico, designer e cineasta chinês, é um dos artistas-ativistas mais destacados da atualidade. Ao longo da carreira, sua postura sempre foi irreverente, como em *Dropping a Han Dynasty Urn*, na qual ele fotografou-se quebrando um vaso de dois mil anos; ou *Sunflower Seeds*, quando cobriu o chão de uma sala da galeria Tate, em Londres, com sementes de girassol falsas feitas à mão por trabalhadores chineses. Seu projeto mais recente aborda a crise de refugiados em 23 países, tema de seu filme *Human Flow – Não Existe Lar se Não Há para Onde Ir*, de 2017.



Acima e abaixo, imagens do documentário "Human Flow", filmado em 23 países

FOTOS HUMAN FLOW/DIVULGAÇÃO

Documentário dirigido por Weiwei aborda a crise humanitária vivida na Europa por conta da questão dos refugiados



Uma análise dos temas eternos

O mito de Medeia, aquela que mata os próprios filhos, é talvez um dos mais célebres da Antiguidade Clássica. Tanto em Eurípedes quanto em Sêneca, as razões que a personagem dá para o seu ato não nos permitem sequer entendê-la, que dirá perdôá-la.

Em *Canção de Ninar*, quem mata os filhos não é a mãe, mas a babá, contratada para substituí-la. Não foi a mãe quem matou, mas não teria, afinal, permitido que o crime acontecesse? Acaso tivesse permanecido em casa, cuidando dos filhos, não estariam estes vivos e a salvo? Perguntas a perseguir o leitor durante a narrativa.

Leïla Slimani apresenta-nos uma discussão corajosa e franca sobre a maternidade e seus impactos na vida de uma jovem mulher, filha da revolução sexual e do movimento feminista, alguém que opta em ser mãe, apenas para descobrir que não tolera a rotina de cuidar dos filhos e que busca, em que pesem críticas que recaem sobre ela de todos os lados – do marido, da sogra, da professora da escola –, retomar a carreira. Para tanto, contrata uma babá, Louise, a princípio, perfeita: branca, francesa, ordeira, silenciosa, excelente cozinheira e afetuosa.

No entanto, Louise tem sérios proble-



“Uma história sobre a solidão feminina em que o microcosmo familiar reflete a realidade sociocultural em que mulheres se veem cercadas de crianças, mas profundamente sozinhas.”

mas emocionais e financeiros. É uma bomba-relógio que começa a dar mostras da sua instabilidade, indícios relevados, pois, afinal, as crianças a adoravam e ela a elas.

Uma obra poderosa que trata de temas eternos, como a discussão sobre o amor materno. E também aborda a

emancipação feminina, as relações entre patrões e empregados domésticos, a presença dos imigrantes ilegais na França e seu impacto na sociedade.

Uma história sobre a solidão feminina em que o microcosmo familiar reflete a realidade sociocultural em que mulheres se veem cercadas de crianças, mas profundamente sozinhas, premidas por exigências diversas que impactam diretamente nesta maternidade – sua ou emprestada –, e que não sabem como se fazer ouvir. Nem todas têm estrutura para suportar o peso e colapsam. Brutal e espetacularmente. A culpa não seria então de todos nós?

Canção de Ninar é a segunda obra da autora franco-marroquina. Com ela, recebeu o prêmio mais importante da literatura francesa, o Goncourt, em 2016. É também mãe de duas crianças. Sobre a carreira e a maternidade, declarou: “Às vezes, durante o dia, fico muito feliz com essa repercussão toda. Mas às vezes junta tudo, filhos, marido, trabalho, e fico mais ansiosa sem saber se sou uma boa mãe, uma boa mulher, uma boa escritora. Depende do dia”. Leïla Slimani, uma mulher como nós.

ALEXANDRA LOPES DA CUNHA

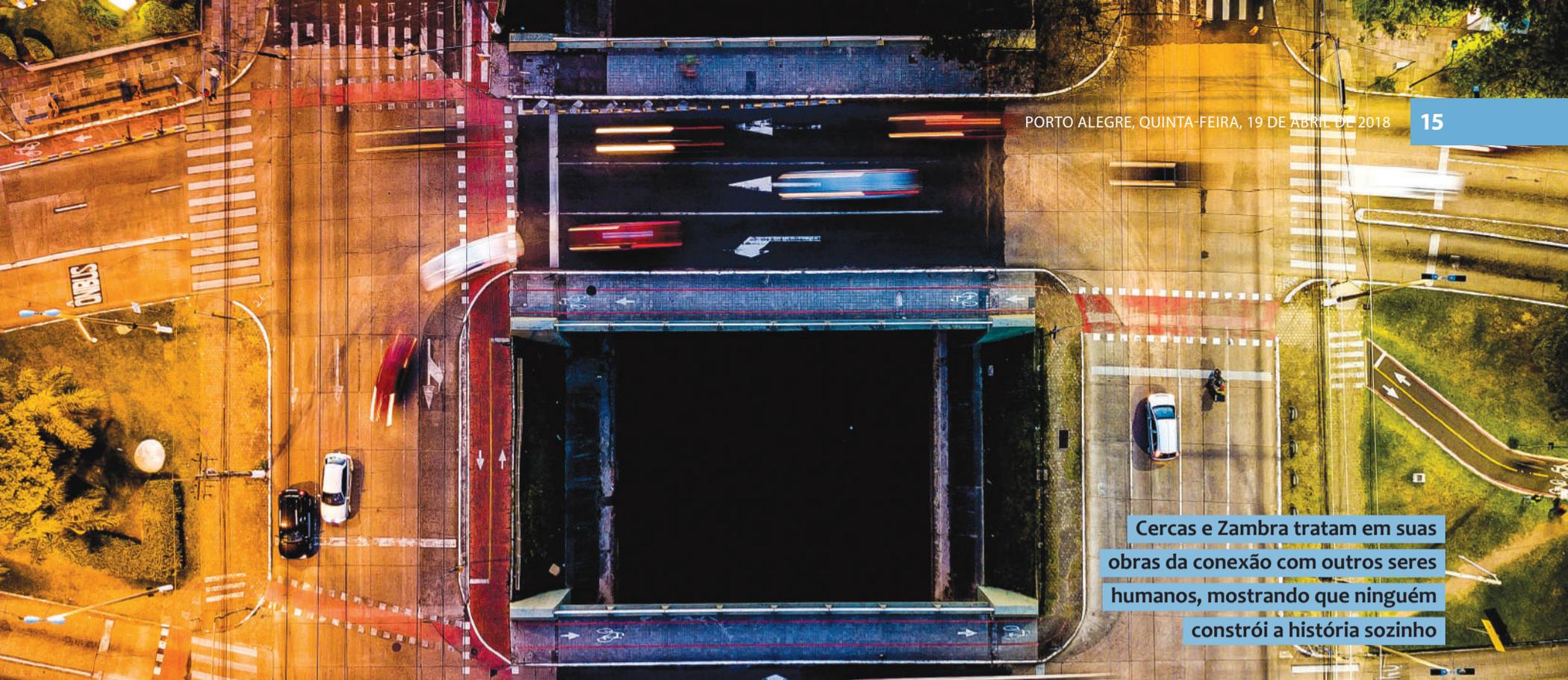
Doutoranda em Escrita Criativa pela PUCRS, é autora de *Demorei a Gostar de Elis*, finalista do Açorianos de Literatura



LEÏLA SLIMANI (1981), escritora e jornalista franco-marroquina, é expoente da nova literatura francófona e foi, em 2016, vencedora do Prêmio Goncourt, um dos mais prestigiados de língua francesa. *Canção de Ninar*, publicado na França em 2016 e no Brasil em 2018, vendeu mais de 600 mil exemplares em 36 países e teve os seus direitos vendidos para o cinema. Após participar da Feira de Frankfurt, em 2017, na edição que teve a França como país homenageado, foi convidada pelo presidente francês Emmanuel Macron para atuar como sua representante oficial para assuntos de francofonia. Nesse mesmo ano, lançou *Sexe et Mensonges*, livro de não ficção que aborda a exploração sexual no Marrocos.

"Canção de Ninar" é um romance que trata de temas como o amor materno e a emancipação feminina





JEFFERSON BOTEGA

Cercas e Zambra tratam em suas obras da conexão com outros seres humanos, mostrando que ninguém constrói a história sozinho

Histórias que constroem *identidades*

Se a literatura é uma das formas artísticas que ajudam o ser humano a construir sua identidade, não resta dúvida de que Javier Cercas e Alejandro Zambra são especialistas em conduzir os leitores através dessa jornada.

O espanhol Cercas reconstrói a narrativa implacável da história por meio da ficção, destacando os dramas individuais que se encontram na origem dos eventos históricos; o chileno Zambra utiliza os dramas da escrita como uma metáfora para a insuficiência das palavras no mundo atual. Em comum entre ambos destaca-se a capacidade de fazer a trajetória particular repercutir no universal: nenhum indivíduo está sozinho no mundo, e todas as suas condutas encontram-se interligadas às atitudes de outras pessoas.

Em tempos em que as redes sociais servem mais como instrumento de divisão e de acirramento de ódios, Cercas destaca a importância do diálogo como forma de resolução de conflitos, e o quanto a atitude moral e íntegra de um único indivíduo em meio às engrenagens da história e do pensamento totalitário basta para contaminar outras pessoas.

Como resposta às guerras culturais que se estabelecem na forma de hierarquização preconceituosa entre diferentes culturas e povos, na qual o diferente não é mais assimilado, mas precisa ser destruído, Zambra recaptura a essência do ser humano como criatura repleta de contradições, trazendo a noção de que a cultura é somente o verniz que concede uma ilusão de separação



"Nos dois autores, e cada um o faz do seu jeito, existe a vontade de conectar com o outro ser humano e traçar uma linha de comunicação."

entre os indivíduos, pois os dramas que se repetem dentro da literatura não passam de uma escala menor daqueles que infestam nosso cotidiano.

Nos dois autores, e cada um o faz do seu jeito, existe a vontade de conectar com o outro ser humano e traçar uma linha de comunicação, mostrando-lhe que, nessa Longa História da Humanidade, talvez não sejamos os pontos finais que a história insiste em dizer, mas vírgulas que permitem a continuidade da história e, por assim dizer, da vida.

GUSTAVO MELO CZEKSTER

Doutorando em Escrita Criativa da PUCRS. Autor do livro *Não há amanhã*, vencedor do Açorianos de Literatura 2017



JAVIER CERCAS (1962), escritor espanhol, é reconhecido por explorar em seus livros os limites entre a realidade e a ficção. Doutor em Filologia Hispânica pela Universidade Autônoma de Barcelona, teve sua obra traduzida para mais de 30 idiomas. É colaborador do jornal *El País* desde 1999 e atuou como professor nas universidades de Illinois nos Estados Unidos e de Girona na Catalunha. Usa a literatura para propor uma reflexão sobre o passado da Espanha e do mundo ocidental e sua relação com o presente. Em 2001, publicou *Soldados de Salamina*, romance que obteve êxito fora do seu país de origem e vendeu mais de 1 milhão de cópias.

ALEJANDRO ZAMBRA

(1975), escritor chileno, é considerado um dos mais relevantes autores da literatura latino-americana contemporânea. Foi eleito pela revista britânica *Granta* como um dos 22 melhores jovens escritores hispano-americanos. Licenciado em Literatura Hispânica e com doutorado em Literatura pela Universidade Católica do Chile, atua como poeta, romancista e ensaísta. É autor dos romances *A Vida Privada das Árvores* e *Formas de Voltar para Casa*, e do livro de contos *Meus Documentos*. Seu livro mais recente é *Múltipla Escolha*, que reflete sobre memória, educação, relacionamentos, política e desigualdade.



Trump, sociedade e o futuro liberal

Cerca de 10 dias após a eleição do republicano Donald Trump em 2016, o *New York Times* publicou o texto *The End of Identity Liberalism*, do professor de humanidades de Columbia, Mark Lilla. Nem o jornal nem o autor esperavam que a repercussão do texto – para o bem e para o mal – seria tamanha. O professor sofreu os mais variados enxovalhos, advindos, em especial, da esquerda; o artigo transformou-se em livro (*The Once and Future Liberal: After Identity Politics*, que será lançado no Brasil em 2018); o livro, por sua vez, foi denegado pelos colegas de Columbia, que se recusaram a comentar; e Lilla, de algum modo contemporâneo e menos dramático, ganhou, para alguns, projeção e, para outros, ostracismo. Mas, afinal, o que estava escrito nesse artigo, à primeira vista, tão potente?

No seu núcleo, o texto é praticamente banal. Lilla está falando aos liberais americanos (o termo “liberal” lá possui um sentido diferente do nosso, significando as orientações que aqui chamamos de esquerda), apontando algo óbvio: a derrota do partido democrata nas eleições, não só a sua derrota em si, que poderia ser circunstancial, mas essa derrota perante um discurso diretamente colocado contra as principais pautas da esquerda americana, pode (e deve) ser um atestado de que essa esquerda está fazendo algo errado. Convenhamos, é um tipo de diagnóstico banal. Uma derrota eleitoral é um bom momento de autocrítica, ainda mais se o discurso vencedor foi pautado, em grande parte, no oposto daquilo que foi defendido por outros – e venceu. Isso diz algo sobre as pautas que estão sendo defendidas. Mas fica a pergunta: que pautas e discursos são esses?

É aí que entramos em algo mais delicado. A pauta de esquerda que Lilla está convidando a fazer uma autocrítica é a agenda da luta identitária e das representatividades. É uma das pautas mais sensíveis, se não a mais, de nossa época. Lilla não coloca em xeque o valor, a relevância e a necessidade dela, pois, como um *left liberal* americano e muitos de nós, as abona. Porém, ele audaciosamente escreve que talvez a sua centralidade

na pauta de esquerda americana tenha “chegado a um fim”. Assim, ele gostaria de propor uma avaliação para os grupos políticos e civis que carregam essa pauta, focando em dois pontos principais. Em primeiro lugar, a possibilidade de olhar para dentro do próprio movimento de esquerda americano e fazer uma autocrítica se não se perdeu a capacidade de se comunicar com “o todo” da sociedade americana ao focar nos grupos identificados. Isto é, se não houve um estreitamento da pauta (relevante, sim), mas que nublou outros âmbitos da vida político-social americana, que terminou redundando numa derrota eleitoral. E aqui entramos no segundo ponto: esse possível estreitamento da visão resultou, também possivelmente, num erro estratégico: uma derrota eleitoral; e aí Lilla está buscando apontar a importância de em uma democracia ganharmos espaços públicos institucionais, no legislativo ou no executivo, para o bem das nossas pautas. Quer dizer, o professor parece fazer um convite para seus pares a repensarem suas estratégias políticas, especialmente eleitorais.

Ok, Lilla não transmitiu isso do modo mais pacífico do mundo. No seu texto, ele diz: “*Mas a fixação na diversidade em nossas escolas e na imprensa produziu uma geração de liberais e progressistas narcisicamente alheios das condições externas a seus grupos autodefinidos, e indiferentes à tarefa de se aproximar dos norte-americanos em todas as esferas da vida*”; mais adiante retoma o dito de Sanders de que devíamos ir além das identificações de gênero das portas dos banheiros; e adiante ainda fala em um liberalismo “pós-identitário”. Diante da delicadeza do debate dessas questões, podemos vislumbrar o que lhe caiu sobre a cabeça.

Mas logo Lilla restaura um tom mais ameno e retoma sua proposta de pensar estrategicamente o pensamento americano de esquerda. Sua sugestão principal: pensar não mais as questões da “diferença”, mas os aspectos de “união” ou daquilo que é comum entre os americanos, não o que os separa ou distingue. É uma sugestão curiosa e, aparentemente, genérica: “*Mas é no nível da política eleitoral que o liberalismo identitário faliu mais espetacularmente, como*



“A pauta de esquerda que Lilla está convidando a fazer uma autocrítica é a agenda da luta identitária e das representatividades. É uma das pautas mais sensíveis, se não a mais, de nossa época.”

recém vimos. A política nacional em períodos saudáveis não é sobre ‘diferença’, é sobre aquilo que é comum. E será dominado por quem quer que melhor capture a imaginação dos americanos sobre seu destino compartilhado”. E aí Lilla aponta para questões de religião, negligenciadas pela esquerda americana, e tenta resgatar o passado exitoso das pautas democratas na época “pré-identitária”.

O que significa isso tudo? Mark Lilla é um liberal americano buscando realinhar estrategicamente a esquerda americana? Alguém angustiado com o avanço das ideias reacionárias, buscando desesperadamente um caminho mais exitoso para os liberais na América? Mas com quais critérios? Buscar unir e não “distinguir” não poderia ser uma pauta oca, um nacionalismo vazio? Uma mensagem vaga, que já esteve nas mãos das mais diferentes figuras políticas, execráveis ou não... Ou estaria propondo um discurso mais agregador, que possa falar a todos sem negligenciar grupos em nome de santificar outros? Ou Lilla estaria atuando, sem perceber, a favor do “adversário”? Um agente inconsciente e despercebido daqueles que tentam calar as pautas identitárias? Só o cientista político Lilla pode responder.

Quem vem dialogar com Mark Lilla é o filósofo brasileiro Luiz Felipe Pondé. Professor da PUC-SP e da FAAP, Pondé publicou importantes trabalhos acadêmicos sobre filosofia da religião (principalmente Pascal) e literatura (especialmente um belíssimo livro sobre Dostoiévski); e, nos últimos tempos, enveredou pela seara das pautas “públicas”, não só escrevendo para a *Folha de S.Paulo*, mas também em livros que debatem sobre as questões mais polêmicas na ordem do dia dos brasileiros. Declaradamente conservador, Pondé tem lançado críticas ao pensamento de esquerda ocidental, inclusive às pautas identitárias. Suficientemente polêmico e ousado, ele será um ótimo e provocador interlocutor de Mark Lilla – e poderá lançar muitos questionamentos que jogarão alguma luz sobre os pensamentos de Lilla e de todos nós.

JEFFERSON BOTEGA

LUIZ FELIPE PONDÉ (1959), filósofo brasileiro, é um dos mais polêmicos pensadores do país e autor de uma das colunas mais discutidas da imprensa brasileira, publicada no jornal *Folha de S.Paulo* desde 2008. Graduado em Filosofia pela USP, é mestre em História da Filosofia Contemporânea pela mesma universidade e doutor em Filosofia Moderna pela USP/Universidade de Paris, além de possuir pós-doutorado pela Universidade de Tel Aviv. Atua como professor da PUC-SP e como professor titular da FAAP. Seu livro mais recente é *Amor para Corajosos: Reflexões Proibidas para Menores*.



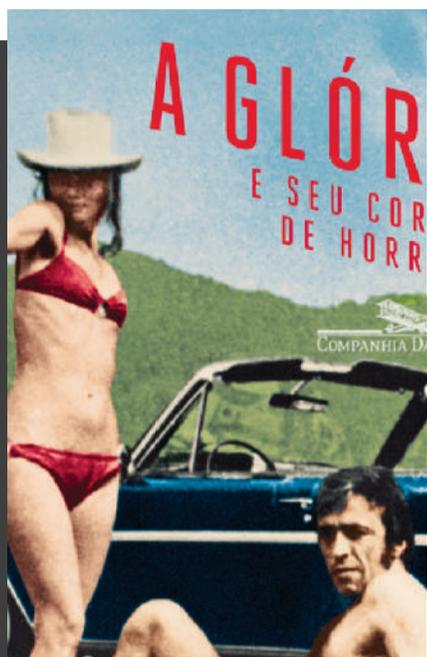
MARK LILLA (1956), cientista político e historiador norte-americano, é pesquisador da história das ideias políticas. Professor da Universidade Columbia, também é colaborador da *The New York Review of Books*. Publicou livros e ensaios decisivos para a compreensão do mundo moderno, como *A Mente Imprudente – Os Intelectuais na Atividade Política*, que traz um perfil de pensadores que fecharam os olhos ao autoritarismo, à brutalidade e ao terrorismo de Estado; e *A Mente Naufragada – Sobre o Espírito Reacionário*, que apresenta o reacionário como uma figura tão radical e típica da Modernidade quanto o revolucionário.

Lilla publicou, em 2016, no jornal *The New York Times*, um artigo polêmico sobre a vitória de Donald Trump nos Estados Unidos

A Glória e seu Cortejo de Horrores

Fernanda Torres
 Companhia das Letras (2017)
 216 páginas

Mário Cardoso é um ator de meia-idade que decide encenar uma versão do *Rei Lear* de Shakespeare. O que era para ser uma volta por cima acaba em tiro no pé: a montagem é um absoluto fracasso. A plateia ronca, os críticos, não. O desastre faz com que Cardoso relembre sua carreira: os repetidos sucessos televisivos, o cansaço da rotina de gravações, a decadência, a aceitação dos papéis periféricos que o jogaram no limbo. O romance de Fernanda Torres percorre o histórico recente do teatro e das novas formas de entretenimento no Brasil. A forte presença da política nas peças dos anos 1960, o Cinema Novo, a tevê com suas novelas e séries, o mundo

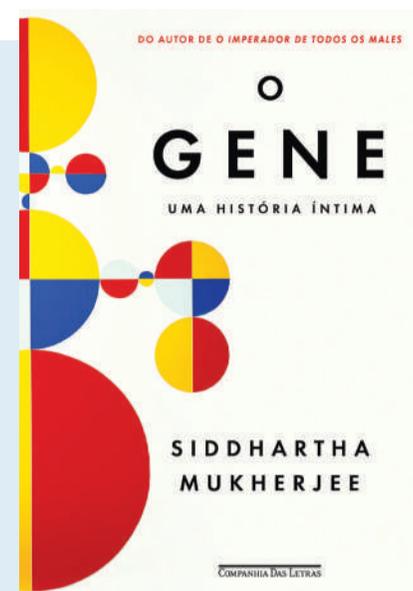


conectado etc. O livro relaciona o contexto histórico e a produção artística brasileiros. As situações são tragicômicas e inusitadas, sempre à beira do precipício. Como diz Fernanda, é dever do artista “relacionar-se com as mudanças, propor diálogos, produzir saídas. A depressão de agora se reflete nas artes. Um país deprimido só pode detestar sua própria cultura. A cultura é o reflexo do próprio país”.

O Gene: Uma História Íntima

Siddhartha Mukherjee
 Companhia das Letras (2016)
 592 páginas

A humanidade sempre soube que transmitia a seus filhos algo que se podia chamar de semelhança. No século VI a.C., Pitágoras errou ao conjecturar que o sêmen masculino levasse a informação para o interior dos corpos femininos, cabendo a estes nutri-lo. Mais exato, Aristóteles pensava que muitas pessoas se assemelhavam com suas mães e avós, e indicou que homens e mulheres levavam adiante suas características. 2.500 anos depois, Charles Darwin manifestava a incômoda constatação de que toda a sua teoria da evolução se apoiava sobre um alicerce desconhecido. Este alicerce é o que hoje

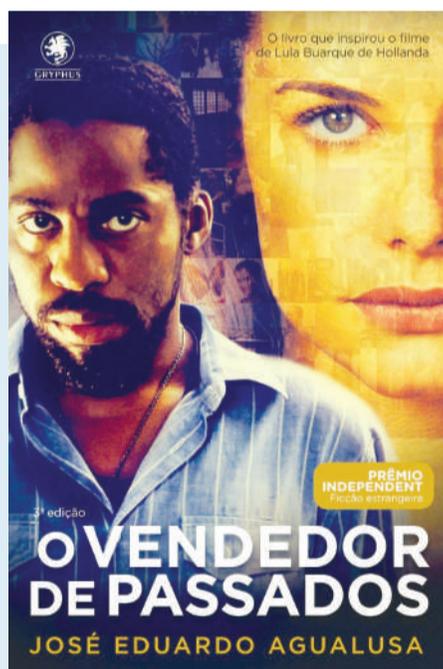


conhecemos como genética. O que são os genes? São instruções, algoritmos dispostos ao longo de cromossomos. Os cientistas contaram: são necessários entre 21 mil e 23 mil para se fazer um ser humano. Siddhartha Mukherjee conta a história do gene e, para começar, vai explicando o quão artificial é a divisão da humanidade em categorias raciais. Também chama nossa atenção para as definições estreitas do que seria a inteligência e sua mensuração em testes falhos e influenciados pela cultura. Um grande, esclarecedor e relevante livro.

O Vendedor de Passados

José Eduardo Agualusa
 Editora Gryphus (2004)
 199 páginas

Já tivemos Ian McEwan no Fronteiras. Ele comentou um livro seu, *Enclausurado*, cujo narrador era um feto. Pois o narrador de *O Vendedor de Passados* é uma lagartixa. E esta conta a história de Félix Ventura, um negro albino que vende passados para quem não gosta do seu. Ou seja, ele prepara e vende árvores genealógicas, criando passados mais amenos e bonitos. Seus clientes são prósperos empresários, políticos e militares que têm assegurados belos futuros em Angola. Todavia, falta-lhes um passado digno. A lagartixa Eulálio vive nas paredes da casa de Félix acompanhando seu trabalho de comerciante. Conta-nos sobre a enorme

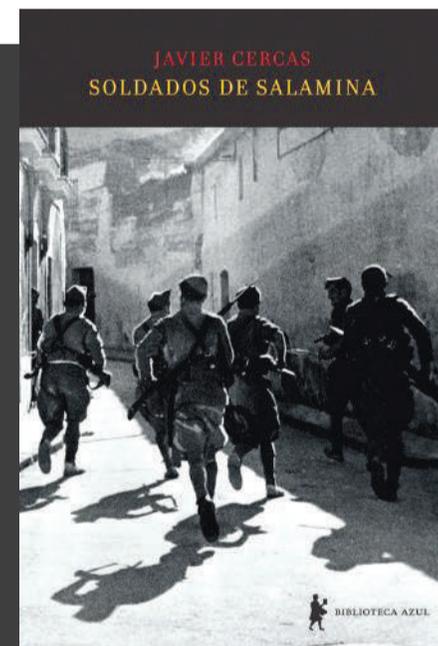


biblioteca de Félix e dos recortes de jornais e revistas de várias épocas que guarda e consulta. Além disso, ele frequenta lojas de antiguidades e sebos, a fim de buscar inspiração. Afinal, o passado tem de ser plausível, se possível colorido e sedutor. E acaba negociando objetos comprobatórios, pois seu trabalho de “romancista” não vai para as páginas de livros, deve ser real, ou quase.

Soldados de Salamina

Javier Cercas
 Biblioteca Azul (2012)
 213 páginas

A célebre Batalha de *Salamina* ocorreu entre a frota persa de Xerxes I e a grega, comandada por Temístocles. A vitória foi grega e, de certa forma, decidiu o destino da Europa. Porém, se o título do livro de Javier Cercas faz alusão à batalha, a ação de *Soldados de Salamina* acontece na Espanha, durante a Guerra Civil. O livro vendeu 300 mil exemplares só no país e recebeu todo um leque de prêmios. A história gira em torno da figura real de Rafael Sánchez Mazas, escritor e ideólogo fascista da Falange Espanhola e de como ele escapou do fuzilamento. A Guerra Civil Espanhola estava acabando e as tropas republicanas se retiravam, destruindo pontes

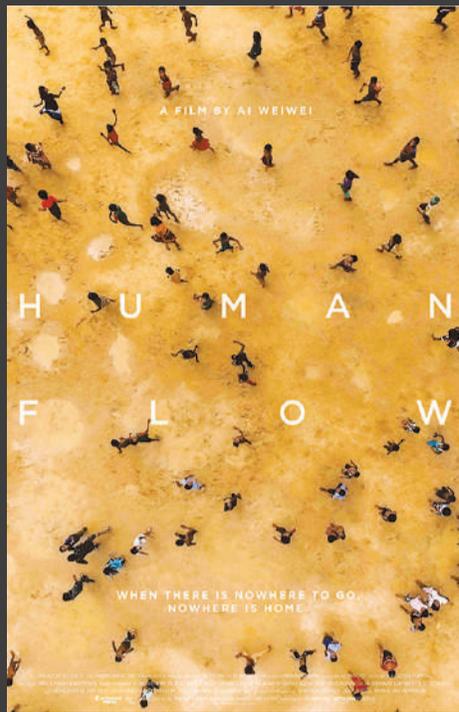


e vias de comunicação para se proteger. Sánchez Mazas consegue escapar. Quando saem em sua busca... (sim, há pessoas que detestam *spoilers*). A história é surpreendente, muito bem contada, cheia de digressões e bom humor. O autor do livro aparece como personagem do romance, vivendo um jornalista que investiga o fato para escrever um livro. Um outro personagem chama-se Roberto Bolaño.

Human Flow - Não Existe Lar se Não Há para Onde Ir

Human Flow (2017)

Dirigido pelo artista plástico e cineasta chinês Ai Weiwei, o documentário *Human Flow – Não Existe Lar se Não Há para Onde Ir* acompanhou, ao longo de um ano, crises de refugiados em 23 países, incluindo França, Grécia, Alemanha, Iraque, Afeganistão, México, Turquia, Bangladesh e Quênia. Lançada em 2017 e indicada ao Leão de Ouro do



Festival de Veneza, a produção tem o foco de registrar a busca de uma vida melhor e todas as dificuldades e obstáculos enfrentados pelas pessoas que abandonam seus países para fugir de guerras, miséria e perseguição política e lutam pela sobrevivência.

Lixo Extraordinário

Lixo Extraordinário (2010)

Com direção de Lucy Walker e João Jardim, o documentário *Lixo Extraordinário* é o registro do trabalho do artista plástico brasileiro Vik Muniz no Jardim Gramacho, maior aterro sanitário da América Latina, localizado na cidade de Duque de Caxias, no Rio de Janeiro. Mostrando a produção de obras de arte com material coletado no local, o filme conta sobre as transformações e as visões de mundo dos sete catadores que participam do projeto, entre eles Tião Santos, presidente da Associação dos Catadores do Aterro Metropolitano do Jardim Gramacho. Com música composta por Moby, *Lixo*



Extraordinário estreou no Festival de Sundance e foi indicado ao Oscar da categoria.

Bonsai

Bonsai (2011)

Adaptação do livro homônimo do escritor chileno Alejandro Zambra, *Bonsai* conta a história de Julio, que, ao não conseguir o trabalho de transcrever o livro de um grande escritor, finge ter conseguido o emprego e começa a escrever o seu próprio livro. Em busca de inspiração para a narrativa, revive um romance do passado. O longa-metragem, com direção de roteiro de Cristián Jiménez, foi lançado em 2011 e integrou a seleção oficial do Festival de Cannes no mesmo ano. Filmado no Chile, é uma produção de Chile, Argentina, Portugal e França, e conta com Diego Noguera, Alicia Fehrmann e Andrés Waas no elenco.

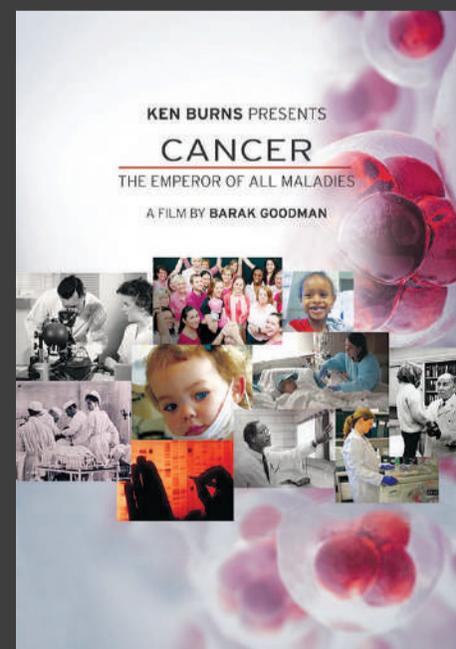


O Imperador de Todos os Males

The Emperor of All Maladies
(2015 – PBS)

Lançado em 2010 e agraciado com o Prêmio Pulitzer no ano seguinte, o livro *O Imperador de Todos os Males: Uma Biografia do Câncer*, do médico e escritor indiano Siddhartha Mukherjee, foi o ponto de partida para a produção de um documentário da PBS. Com direção de Barak Goodman e produção de Ken Burns, a série de três episódios abordou a jornada épica da doença e a relação do público com o câncer,

desmistificando parte do medo e do mal-entendido que o envolvem. Com uma narrativa que entrelaça fatos e registros históricos e entrevistas com pacientes e médicos, a produção também apresentou as recentes descobertas científicas na área. Em 2015, *The Emperor of All Maladies* foi indicado ao Prêmio Emmy na categoria documentário.



Confira mais dicas de audiovisuais exclusivos, produzidos pelo *Fronteiras do Pensamento*, no portal www.fronteiras.com. Acompanhe também no site e nas redes sociais do projeto materiais e notícias sobre as conferências realizadas em Porto Alegre, São Paulo e Salvador.

Braskem apresenta WWW.FRONTEIRAS.COM



O MUNDO EM DESACORDO

DEMOCRACIA E GUERRAS CULTURAIS

É NA DEMOCRACIA QUE A PLURALIDADE SE MANIFESTA, EM SUA BUSCA PELO ACORDO, PELA TOLERÂNCIA E PELA HARMONIA. MAS, QUANDO AS GUERRAS CULTURAIS SE FAZEM PRESENTES, OS DIREITOS, O RESPEITO E A IGUALDADE SOFREM ABALOS. NO MUNDO EM DESACORDO, É PRECISO INCENTIVAR, CADA VEZ MAIS, AS LIBERDADES INDIVIDUAIS, O DIÁLOGO E OS NOVOS CONSENSOS.

FRONTEIRAS
DO PENSAMENTO

INFORMAÇÕES

4020.2050

VENDAS

www.ticketsforfun.com.br

sem taxa de conveniência

Bamboletras
Instituto Ling
StudioClio



LOCAL

Salão de Atos da UFRGS

Apresentação



Patrocínio



Parceria Cultural



PUCRS

Parceria Institucional



Empresas Parceiras



Apoio Institucional



INSTITUT FRANÇAIS
BRASIL

Universidade Parceira



Promoção

Grupo RBS